

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros.....	2500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	1500 "
Trimestre ou 13 ".....	700 "
Avulso.....	60 "

— ANNO I—18 DE SETEMBRO DE 1881—N.º 31—

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros.....	2500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	1500 "
Trimestre ou 13 ".....	700 "
Avulso.....	60 "

SUMMARY

GRAVURAS:—Um duello; A vilanella; Um passeio de trenó; Um viaducto sobre o Genesee, nos Estados Unidos.
 TEXTO:—Actualidades, por Iriel; As nossas gravuras; Carlos Bento, por Julio Cesar Machado; Horas de ocio; O domingo historico, por A. O.;
 Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

ACTUALIDADES

Realmente, como eu desejava dizer-te:

—Caro amigo, a manhã é optima, ha um ligeiro vento protector, que promette refrescar ainda, segundo o provam aquellas pequenas nuvens *mouton-nées* que além se algodoam no horizonte. O Tejo,

levemente picado, promette-nos a redução, a miniatura das commoções das viagens de longo curso, — a vaga desabrochante de espuma galgando a amurada e inundando o convez, o casco do navio subitamente erguido n'uma onda e mostrando os braços da helice, arrancados do seu ambiente natural, e batendo desoladamente o ar, e em seguida a

queda brusca do alto da montanha ondulante no valle que se lhe segue logo e onde a quilha se embebe como o gume d'uma lamina de aço n'um seio palpitante e vivo. Convém fazer uma ideia — embora moderada — do que vem a ser uma viagem por mar. Demais ha uma regata em Cascaes e está lá o mundo inteiro. Vem comigo.



UM DUELLO.

Depois, a um signal convencionado, um pequeno *yacht* a vapor, uma maravilha de elegancia e de velocidade, aproximar-se-hia do caes; entraríamos ambos a bordo por entre duas alas de marinheiros bronzeados, postados no portaló; um pequeno canhão de bronze esculpido daria o signal de partida; a primeira cabriola da helice dilaceraria a agua e em seguida, com uma rapidez de 12 milhas por hora, veríamos fugir, por uma illusão dos olhos, esse delicioso panorama marginal do Tejo, que até S. Julião nos vae desdobrando accidentes successivos, do mais alto pittoresco, ruínas de attitude historica, *chalets* de architectura caprichosa e filigranada, constellações de casinhas brancas dando a vaga impressão de *corbeilles* de camelias.

Eu bem sei que assim é que se deviam fazer as coisas e que no momento em que um escriptor mette o leitor a *seu bordo*, deve deixar-lhe no espirito uma impressão de deslumbramento, de luxo oriental, de magnificencia, como se elle concluísse a leitura da ultima pagina da *Viagem ao Oriente*, de Lamartine, ou desembarcasse do *Serapis*, de regresso d'essa viagem espantosa através da India dos Rajahs, por entre alas de elephantes enfeitados de pedras preciosas, dobrando, a um gesto do *mahout*, o joelho colossal em saudação humilde; e onde, a um momento dado, escravos d'ebano arrastassem preso á corrente de aço um tigre real, abrasado em furia, arcobotando-se debalde nos seus jarretes elasticos e vindo mau grado seu, como embaixador da floresta a saudar o viajante illustre, com os seus rugidos de coleira impotente.

Eu porém, que não tenho ao meu dispor a fortuna da mulher de Lamartine, nem — como de certo se sabe — as finanças inglezas, contento-me simples e burguezmente em te convidar para vires comigo a bordo do *Aurora*, que além arfa, atracado á ponte de madeira e onde encontraremos a amavel companhia de cento e vinte ou cento e trinta excursionistas, desprezando n'este calculo, como uma fracção imperitine e ruidosa, uma philharmonica de vinte ou trinta musicos ferozes, cheios das piores intenções d'este mundo segundo o estão mesmo agora manifestando n'uma polka de pessima catadura.

Ora, depois d'este convite, feito com tanta cordialidade, com tanta semcerimonia, com tanta fraternidade, só me resta, meu caro, dar-te um conselho igualmente cordeal, desceremonioso e fraterno, e vem a ser — que o não aceites. Contenta-te meu amigo, com a descripção que te vou fazer da regata e renuncia aos prazeres de a presenciar. Queres saber o que lucras com isso? ah! vae:

Não terás de fazer uma travessia de cinco leguas por mar, sentado sobre a amurada do *Aurora*, a qual não é precisamente *capitonée* de setim preto, com uma barra escarlata a meio, como o teu sophá — e isto pela simples razão de que cento e vinte pessoas mais madrugadoras do que tu occuparam todos os assentos, todos os bancos de lona, todos os logares que offereciam uma commodidade ainda assim relativa e só te resta a tal amurada para o fim de te sentares.

Os teus ouvidos não serão retalhados pelos gritos dilacerantes de uma banda, cujos trombones pareciam estar a receber facadas a uma esquina da Baixa e cujos figes pareciam ter perdido uma pessoa de familia. Verdade é que d'ahi a pouco esses trombones e esses figes começavam a exprimir pelos meios á sua disposição o mais terrível enjô a que pôde sujeitar-se um estomago e um instrumento de vento e crê bem, meu caro, que a harmonia musical não ganhou consideravelmente com isso.

Depois não enjoarás tu proprio, o que é terrível; nem verás os outros enjoados, o que é repugnante. Não serás encharcado pela invasão das ondas no convêz; não desembarcarás na praia, ás cabritas em cima de um catraieiro, que te atiraria para cima d'areia por entre as gargalhadas dos espectadores que se torceriam de riso ao ver-te bifurcado n'um teu semelhante, — cavalgada pouco sympathica, — com um sacco n'uma das mãos, guardachuva na outra e a cara ainda *glauca* das torturas do estomago.

Verdade é tambem que não contemplarás um dos mais esplendidos e pittorescos panoramas que imaginar se pôde. Conheces de certo por exame proprio, ou por gravuras e photographias, a bahia de Cascaes, a fortaleza real, a escada tallada na rocha, a muralha que semi-circunda a praia, os *chalets* deliciosos dos arredores, pondo na payzagem a nota brilhante do luxo e da ostentação da alta vida. Pois bem, enche todo esse bello aspecto de terra com milhares de pessoas, põe a fluctuar nas aguas agitadas do oceano centenas de escaleres, de barcos a vapor, de guigas finas como serpentes, de *yachts* de receio, especie de *chalets* fluctuantes, empavezados de bandeiras em arco, e cortando rapidamente a vaga a todo o impulso da sua machina, cujo metal scintilla á luz, lança por sobre tudo isto uma poeira impalpavel e ideal de alegria, de entusiasmo e de animação, como se quizesse polvilhar um dezenho á penna com areia de ouro e far-te-las uma ideia approximada do espectáculo que perdeste.

A escada aberta na rocha estava occupada por uma dupla fila de homens e de senhoras. O terraço enorme d'assemblea era uma *volière* encantadora de *toilettes* claras, fresquissimas, primaveras, que cantavam ao sol o seu gorgeio de cores, como um bando de cotovias ebrías de alvorada. Tudo quanto Lisboa possui de mais gentil, de mais fino, de mais aristocratico pelo nascimento, pela posição social, pela educação, que é tambem uma aristocracia, a melhor d'ellas todas mesmo — permitta-se isto a um radical — dera-se *rendez-vous* n'esse terraço. O mar descobria-se a perder de vista e se o sol estivesse bem patente e não brilhasse com intermitencias, devia ser deslumbrante o panorama.

Na bahia recrudescia a animação, os barcos cruzavam-se, trocando-se signaes, saudações de etiqueta. De vez em quando, na passagem de um ou outro escaler, levando a bordo personagens de eminencia politica, as tripulações erguiam-se nos escaleres, os remos eram levantados a um tempo, com um movimento admiravel de precisão. No entanto a regata á vela começava já e os olhares seguiam os dois cahiques rivaes, que marchavam lentamente, lutando com a agitação do mar, as velas enfunadas ao vento e recordando na distancia um vôo de goelanos fatigados. Mas este *match* pouco interessava; sendo como é demorada a decisão. Toda a curiosidade se concentrava na lucta das guigas — sobretudo na aposta da *Vega* e da *Brilo Capello*.

A *Vega* era tripulada de rapazes de Lisboa e a outra de rapazes do Porto. A lucta devia ser renhida, porque as tripulações haviam sido escolhidas a capricho. O signal da partida foi saudado por aclamações geraes. A distancia a percorrer era de duas milhas. Por largo tempo se conservaram a par, golpeando a vaga com um impeto igualmente irresistivel. Os remos immergiam a um tempo na agua, sahiam d'ella gotteando christaes, conservavam-se immoveis e parallelos um instante e mergulhavam de novo. Era curioso seguir no rosto dos tripulantes a commoção que os agitava e o esforço muscular que os contrahia. Como duas eguas de sangue puro, empenhadas n'uma

lucta suprema por sobre a relva d'um hypodromo, as duas guigas, cujo casco branco se casava harmonicamente á tonalidade verde-glauca do mar, saltavam elasticamente sobre as ondas, como se as impedisse a distensão muscular de invisiveis jarretes de aço. Finalmente a victoria inclinou-se para a *Vega*, cujo triumpho foi aclamado com detonações de *hurrahs* victoriosos.

Á noite no *Sporting Club*, houve baile esplendido. O elegantissimo pavilhão achava-se adornado com tropheus de *Sport*, instrumentos de pesca, de caça e de esgrima. Um bicyclo artisticamente suspenso da parede mostrava o cruzamento finissimo dos raios da sua grande roda bi-convexa. Por cima do throno de SS. MM. — admittindo que toda a cadeira em que se sentar um rei passe por isso a ser immediatamente um throno — a vela, o cordame, os remos e a boia de salvação da *Vega*, cantavam o seu triumpho recente. E na sala, resplandecente de olhares, de pedras preciosas, de *toilettes* elegantissimas e sobretudo de physionomias tão entontecedoras como o balanço do *Aurora*, seria facil reconhecer os tripulantes vencedores, pelo seu andar resolutivo e victorioso e por não sei que ar de superioridade e de alegre alivie que se tem sempre ao sair d'um triumpho.

Escusado será dizer-te que tendo *valsado* menos mal a bordo do *Aurora* e a bordo d'uma baleeira na bahia de Cascaes, me absteve d'esse divertimento no salão do *Sporting Club* e me contentei com ver *valsar* os pares, as cadeiras, o tal throno, os tropheus e o proprio pavilhão. Agora mesmo, 48 horas depois d'esta digressão maritima, alguma coisa valsa ainda em frente de mim e creio que é a minha secretária. Esta falsa sensação habilita-me a poder terminar esta carta, subcrevendo-a da forma seguinte:

A bordo de minha casa, tantos de setembro. . .
IRIEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

UM DUELLO. — Quando vemos, nas aguas serenas e azuladas dos lagos, passar com o seu aspecto magestoso e elegantissimo um d'esses alvos cysnes, que foram por tanto tempo o symbolo da poesia, um d'esses cysnes em torno dos quaes como que esvoaça um véu de lendas, já quando faziam de um d'elles o pae da formosa Helena, já quando attribuiam a todos a elegia suprema, o cantar sublime dos agonisantes, quando vemos deslizar silenciosamente um cysne de azas candidas, com o collo a formar a curva mais suave que pôde desenharse, mal imaginamos que nas horas de furia e de lucta possa ter esse aspecto horroroso que a nossa gravura representa. O bico, onde parece effectivamente, nas horas de placidez, palpitar o canto elegiaco que a tradição lhe attribue, toma um aspecto feroz e aggressivo, o longo collo elegante contorce-se agora em curvas de serpente. A colera transformou a ave querida das lendas da meia idade n'um animal bravo, selvagem, terrivel e hediondo.

Como se travam pois em duello de morte esses dois cysnes, cuja medonha lucta contrasta de um modo notavel com o deslizar sereno do outro cysne que assiste socegradamente ao combate? Vamos explical-o.

Os cysnes são aves de compleição amorosa. Desde que Jupiter se encarnou n'uma d'essas formosas aves para seduzir Leda, e para gerar aquella arrebatadora Helena que fez arder Troia, e perecer Achilles, ficaram os cysnes devorados sempre por aquella olympica chamma em que andava abraçado

o mais femieiro de todos os deuses, o Jove Tonante ou Tunante para melhor dizer. Não ha amor sem ciúme como não ha fogo sem fumo, e não ha ciúme sem colera. São dois rivaes que alli se batem. E esse outro cysne que os contempla é um cysne fêmea, é uma irmã de Helena, *coquette* como ella, e como ella indifferente á lucta dos que se batem para lhe conquistar o amor. Enquanto Gregos e Troianos se dilaceravam pelos seus bellos olhos, do alto das muralhas de Troia, Helena contemplava sorrindo a carnificina. O theatro aqui é mais estreito, mas a scena é a mesma. Helena sulca serenamente as aguas do lago azul em que o céu se reflecte, Paris e Menelau não têm soldados nem navios, mas têm bico e azas. Logo *Hiada* no caso. Não tem Homero é certo, mas como, no dizer de Horacio, o pintor pôde também ser poeta, foi Wolff, o grande pintor inglez, quem se encarregou de arrancar da sua magica palheta a epopeia que brotou da *coquette* d'esta Helena emplumada.

A VILLANELLA.—Uma camponesa apenas, mas uma camponesa romana, descendente das que foram modelos de Raphael, e irmã das vivas estatuas cuja reprodução em marmore, feita pelos escultores antigos, surpreheende os archeologos como a expressão mais completa e mais perfeita da belleza humana. A pureza classica d'aquellas feições denuncia a origem da encantadora *villanella*, que passa entre as ruínas da velha *urbs* como a sombra deliciosa d'essas romanas esculturas, cujas cinzas dormem dentro das urnas de marmore dos tumulos da *via Appia*, que lê as palavras christãs *Ave Maria*, gravadas no marmore com os olhos em que parece arder ainda a chamma immortal que resplandecia nas pupilas das transeverinas inspiradoras de Raphael. O auctor d'este formoso quadro, o pintor francez, Jababert, soube dispôr a scena de modo tal que despertasse no nosso espirito todas estas idéas associadas, que mutuamente se explicam e se completam. As ruínas monumentaes de Roma dizem bem com as formas esculturas e com as purissimas feições da *villanella* que passa inconsciente das origens classicas da sua belleza, a *Ave Maria* alli como que posta ao acaso traz á memoria as suavissimas *Madonas* de Raphael estudadas por elle assim na contemplação de alguma outra *villanella* do seu tempo, que passasse distraída e serena por diante do formoso pintor...

UM PASSEIO DE TRENO.—É nos prazeres do norte que se sentem com mais intensidade os encantos da opulencia. O calor é um tanto democratico. O calor nivela as *toilettes*, e, se as não reduz á expressão mais simples, se não impõe a todas as senhoras o *costume* rigoroso de Eva no paraizo antes da maçã fatal, é porque enfim oppõem-se a isso as conveniencias sociais, mas as fazendas ligeiras, mais ou menos elegantes, mais ou menos caras, vestem igualmente a duquesa e a costureira. Nos paizes do norte não acontece o mesmo. Os velludos pesados, as pelles crissimas cingem nos seus tepidos envolveros os corpos gentis das patricias, enquanto as filhas do povo tiritam por baixo dos seus ligeiros vestidos.

Esta senhora, que vemos dirigir-se para um ligeiro treno, que vai ser impellido por um dos seus criados, é incontestavelmente uma das mimosas da fortuna. Tudo o que a rodeia respira o luxo, a pompa, a opulencia. O treno parece um d'esses vehiculos maravilhosos construidos n'uma noite pelas mãos das fadas, e em que os cavalleiros encantados partiam á conquista do desconhecido. O palacio d'onde ella

são tem um grande aspecto senhorial. Os trajos que a vestem são de uma opulencia deslumbrante. E tudo conforto, elegancia, bem-estar, e riqueza na atmosfera que envolve aquella mulher privilegiada. Sente-se que a espera á volta do passeio um bom lume claro e alegre no vasto fogão de varandim bronzeado, que nas mezas carregadas de pratas, de cristaes, de porcelanas, e illuminadas em cheio pelo clarão dos lustres, se hão de accumular os manjares deliciosos, os vinhos de França, do Rhenno, de Portugal, da Hungria, que na atmospha quente da sala hão de rescender como o incenso no thuribulo dos templos, os aromas exquisitos das flores de estufa, e que nos grandes vasos do Japão hão de ostentar a sua larga folhagem metallica as plantas exóticas. E entretanto ao lado d'ella passarão na estrada, curvadas ao peso dos feixes da lenha que lhe ha-de ir arder no fogão, pobres mulheres semi-nuas que vão encontrar no seu tugurio deserto e regelado

O armario sem pão e o lar sem lume.

UM VIADUCTO SOBRE O GENESSEE NOS ESTADOS UNIDOS.—Ha dias o telegrapho transmittiu-nos a noticia da queda de um comboyo que nos Estados-Unidos atravessava uma ponte sobre um rio do Kentucky. São incidentes que frequentemente se repetem na grande republica. Em parte nenhuma os caminhos de ferro atingiram tamanho desenvolvimento, em parte nenhuma são tão frequentes os sinistros. A actividade devoradora d'aquelle povo excepcional dá estes resultados. Tudo se faz em vinte e quatro horas. Improvisa-se uma cidade, improvisa-se um caminho de ferro, uma guerra e um presidente. As vezes nem o presidente nem o caminho de ferro são sufficientemente solidos, nem a guerra nem a cidade teem grande razão de ser. Mas não ha tempo para se pensar n'essas coisas secundarias.

O viaducto que a nossa gravura representa, e que deve servir para a passagem dos comboys da linha do Erié por cima do rio Genessee no districto de Buffalo, foi construido em tres mezes. O primeiro era de madeira, ardeu. Este agora é todo de metal. Alguns d'esses enormes pilares, que representam perfeitamente esqueletos de torres, têm sessenta e um metros de altura. Foi construida rapido mas solidamente. Em todo o caso um dia ha-de quebrar. Quando quebrar, quebrou. Faz-se outro. Para isso ha fundições de ferro nos Estados-Unidos, e é preciso animar a industria. Enquanto não cae, porém, é o viaducto de Genessee uma verdadeira maravilha da industria contemporanea.

CARLOS BENTO

Em Portugal as duas camaras, são sociedades comicas onde todos estão muito serios. A gravidade magestosa com que cada um chega allí a brasa á sardinha do seu partido, por entre os vícios de uma politica que só quebra a harmonia do ridiculo por algum peccado que ás vezes tem, nunca, ainda assim, ponde alterar cousa alguma na feição delicada do espirito do sr. Carlos Bento.

O gosto, n'elle, é tudo. E é tão raro, entre nós, o gosto!

Se lê um artigo, se ouve uma peça, se escuta um discurso, ninguém como elle discrimina, de momento, o ponto essencial; certo na approvação ou na critica que lhe dêr: — se falla, é contar que a camara o escuta, que a galeria o applaude, e que, por nenhum modo, poderia dar-se jamaiz, com elle, o que succedeu a um certo sujeito, que exclamava porque assim o houvesse preparado para um

logar da oração:—«Ah! Interrompem-me!» e a quem alguém disse, tranquilizando-o:—«Nada; não senhor: longe d'isso; bem vê, que estão a dormir, todos!»

Toca-lhe os nervos o *chavão*, a semsaboria pretenciosa, a falsa grandeza, a jactancia. Tem uma subtilidade de temperamento, tão educada e tão artistica, que o offendem as dissonancias.

D'ahi os repentinos, os ditos, os epigrammas em que sempre se exercitou com tanto maior desassombro, quanto, de todo o tempo, tem sido estimadas as raras qualidades do seu caracter desinteressado.

Dois dedos de conversação a um, outros dois dedos a outro, e «—Adeus, meu caro!»—elle ahi vai metter-se no Gremio, a ler, e a tomar apontamentos. O que é que lê, e que diabo aponta? Lê tudo; jornaes, principalmente; jornaes pequenos que lhe dão gosto, o *Charitari*, o *Punch*, e jornaes grandes—por traz dos quaes se esconde, para que os tolos não vão ter com elle, nem o avistem... Não é grande homem, n'isso. Os grandes homens gostam de andar com as algibeiras cheias de toleirões; não sei o que lucrem com aquillo, mas é sabido. O sr. Carlos Bento, não; é pequeno homem, e os tolos não querem nada com elle; desdenham-o.

Quereriam, que elle tivesse um ar muito serio, que ninguém podesse achar-lhe graça, que se desse o entono de viver a tratar da patria, como tantos manequins que ha, mais ou menos ministros...

A idéa de que, a voltar-se-lhe, de dentro para fóra, como quem volta uma luva, o cantinho de coação onde as convicções se anicham, seria difficil surpreender lá a mais pequenina tempestade, indigna-os o mais que é possível. Não se lembram que lê jornaes, e que não se resiste a estes calmantes; já agora, coitado, morrerá sem haver tido a tempestade que lhe competia; e irá depôr piedosamente por sua propria mão, na campa de suas paixões mortas á nascença, uma corôa de flores brancas...

E não ha de ter pouco que enterrar n'essa tal campa; até os sonhos, que também haja tido, tal qual caçoista como é, a respeito do que poderia ir pelo mundo, de que depois se ri, provavelmente, e enterrou n'algum artigo de fundo, porque também fez d'isso, de proposito—creio eu—para dar as illusões uma sepultura com um certo pezo...

Gosta de sociedade, de flores, de mulheres, de viagens, de livros, do chá preto do Gremio... O que? Estão a recommendar-me que não me esqueça de que o sentimento do paladar, a sensação que lhe causam os corpos saborosos applicados á ponta da lingua, é um dos seus característicos de homem fino? Ah! Concorro n'isso. Já o Heine affirmava, que, sem se ser gastrônomo, é todavia grosseirão todo o homem que não aprecie e distinga com marcada preferencia uma posta de salmão, de um rabo de bacalhau. De mais a mais, devemos entender, que, n'estas organizações privilegiadas, o orgão do gosto não é só tocado agradavelmente pela poesia, pelas artes, pela eloquencia, pelos rasgos e excellencia de conducta, porém pelos segredos da cozinha, que Ulysses preferiu ao nectar e ambrosia de Calypso, bagatellas talvez, mas bagatellas boas que fizeram a principal gloria de Trimalcião, e, sem que a historia o declare positivamente, mas em sua malicia o indique, dos imperadores romanos.

A verdade, porém, em todo o caso, é que não ha viver mais singelo do que o d'elle. Vai á repartição, — pelo menos, costume encontrá-lo para aquellos lados, e não preciso saber mais, nem mais do que isto se poderia entre nós exigir de um grande funcionario; vai á camara, o que acontece a todo

os portuguezes, porque nascámos — de geração espontanea — paes da patria. E uma vez na camara, faz-se valer pelos seus discursos, pelas suas anedoctas, pelas suas apreciações e pelos seus ápartes, — que, tantas vezes, teem dado ás questões a melhor, a verdadeira luz; e agrada, por tal arte, esse ho-

que se vae fazendo, o que se vae pensando, de artes, de sciencias, de vida publica, e isto sem rancôr pelo que é nosso e sem desdêns pelo que se faz aqui, sem chôchas massadas doutrinarias, sem iras assopradas contra o ministro fuão que esbanja, o ministro beltrão que ratinha, e aquelle que disse, e outro que

cultura litteraria que tem dado ao seu espirito. É, através de tudo, por tudo, para tudo, sempre, homem que pelas letras tem desenvolvido os seus sentimentos, a sua rasão eloquente, imaginação, critica, e experiencia da vida, sujeitando-se á disciplina dos methodos de raciocinio, que pôdem mostrar o cami-



A VILANELLA.

mem pequeno e fantastico, que, em elle fallando, fica enlevado quem o ouve, não direi como os navegantes ao chegar-lhes ao ouvido o canto da sereia, porém pelas prendas mais raras que ha n'um portuguez, ser alegre, ter idéas, andar em dia com todo o movimento dos diversos paizes, politica, letras, o

desdisse, e um porque faz versos, e o outro porque põe pomadas, e o rei porque gasta dinheiro, — como se o dinheiro dos reis não fosse redondo para correr e as listas civis sempre chorudas para pingarem no paiz!

Uma de suas forças, a principal talvez, consiste na

nho por onde se chega á verdade, sem perder nunca de vista as leis do gosto.

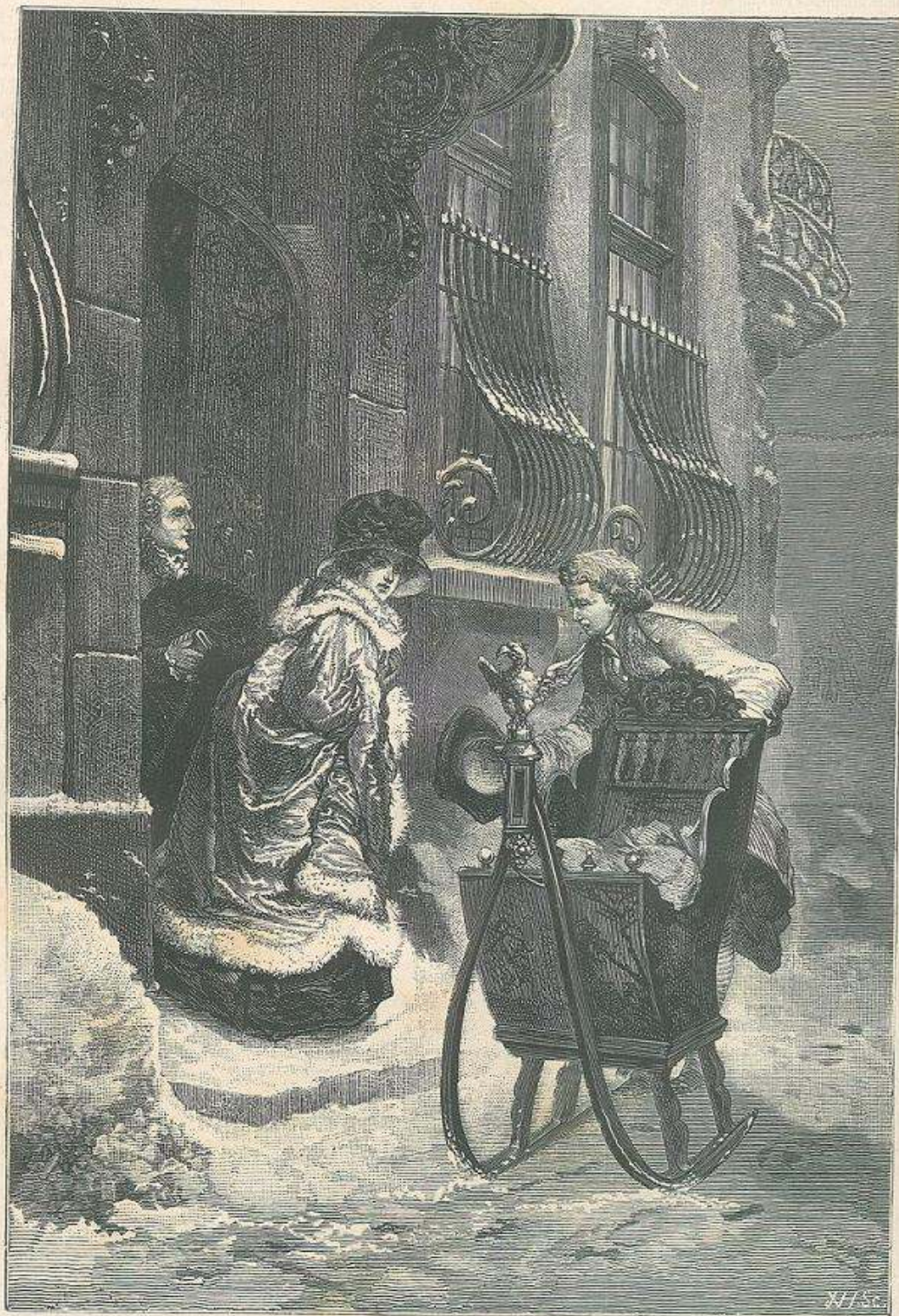
Não citarei anedoctas, historietas, ditos; correm por ahi de bôca em bôca, registradas pelo apreço publico. A melhor graça de Carlos Bento consiste nas replicas; contar isso annos depois, é prejudicial-as: a

frescura, o proposito, valem por muito n'aquelles chistes. E depois, alligura-se-me que pôde haver o quer que seja de menos cortez em vir para a imprensa contar indiscretamente o que uma pessoa, conversando, disse em certa occasião, á mesa, em casa de um amigo, no gabinete da secretaria, n'um baile, no

car successivos parenthesis em que se lê: (Hilaridade)—(Riso)—(Apoiados e hilaridade)—(Riso prolongado, e muitos apoiados)...

Não é, por certo, facil, explicar bem qual seja o genero da graça de Carlos Bento. N'isso, de ter graça, as differentes manifestações da intelligencia são

riam d'elle; outro é ecco, anda excitado artificialmente, gasta da graça alheia; tirat-o do rancho em que vive, é tapar-lhe a bôca; este, impertinente, faz-se admirar por isso; aquelle lisongea a disposição do auditorio com o fazer-se chistoso; o d'aqui, emprega metade da graça a estragar o resto; o d'alli, só a tem,



UM PASSEIO DE TRENÔ.

Gremio, no terraço da Laurence em Cintra, na estação dos caminhos de ferro ao ir despedir-se de uma familia das suas relações;—tanto mais que os seus discursos pôdem contentar fartamente os que desejarem conhecer bem o seu estylo frisante e característico, que sempre obriga o *Diario das Camaras* a mar-

apreciadas sempre conforme a diversidade dos gostos.

Ha porahi tal, que passa por engraçado, e de quem nunca se chegaria a saber que não tem graça nenhuma, senão fosse a mania de elle por forçar a querer ter. Ri-se um do que diz, e deleita-se atté de que se

quando toda a attenção fôr para elle, e se escutar a si proprio; o da direita, quando ninguem o estiver ouvindo; o da esquerda, raro, mas existe, por ter a graça de saber ouvir. Desempenhar-se, porém, do primeiro papel, no genero a que o mundo chama espirotooso, com assentimento geral, do parlamento, do

club, das salas, importa ter até o espirito de o sacrificar em sendo preciso. É o que succede ao sr. Carlos Bento, e o que faz com que, tendo sido ministro tantas vezes, sempre deixasse, assim no animo dos seus collegas, como no dos diplomatas estrangeiros, a impressão mais agradável dos dotes da sua intelligencia e da sua primorosa cortesia.

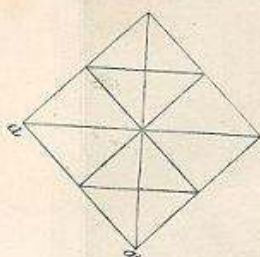
Poder hoje, na idade adiantada em que se acha, e até seguindo n'isso o seu amor pela leitura, folhear os jornaes de ha quarenta annos para cá, e não encontrar nunca, qualquer que seja a cor politica da folha que lhe passar pelos olhos, uma negativa ao seu espirito ou um insulto á sua probidade, para um homem politico, em Portugal, já não é mau; porém haver sido tantas vezes ministro da fazenda, das obras publicas, da marinha, dos estrangeiros, e nunca se ter achado mettido na linha dos indispensaveis, é mais do que elegante, em Portugal é primoroso, e admira como logrou alcançar isso, que faz, talvez, acima de tudo, o elogio da graça que o distingue.

JULIO CESAR MACHADO.

HORAS DE OCIO

Problema geometrico

Construir com um só traço de penna a seguinte figura sendo dada a linha *a d*



ALEXANDRE AUGUSTO D'OLIVEIRA.

Lexicologia

Rato — Mar — Ardo — Brigar — Ato — Eixo — Ria.

acrescentar a cada uma d'estas palavras uma inicial, de modo que fiquem outras palavras; e com as iniciais que se acrescentarem, formar o nome de um actor portuguez.

Vizen. — A. M. Guedes.

Enigma anagrammatico

De tres syllabas de que se compõe a palavra que designa um animal e simplesmente com o auxilio de tres signaes orthographicos, formar dez palavras dissyllabicas.

Livramento. — Um assignante.

Enigma pittoresco



Soluções dos problemas do n.º 29

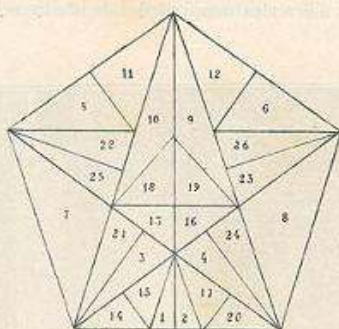
Problema sem titulo. — Figueira de Castello-Rodrigo

Pergunta indiscreta. — A villa de Murça.

Embrulhada geographico-grammatical. — Carviças.

Phantasia arithmetica. — 423.

Problema geometrico:



Soluções certas

Problema geometrico. — Manoel Antonio Coelho Zilhão, Edipo, Vasco (Coimbra), Luiz Antonio dos Santos Guimarães, Dominó Preto (Mafra).

Phantasia arithmetica. — Manoel Antonio Coelho Zilhão, B. Lem (Porto), Alexandre de Oliveira, Ociosos de caçadores 4, Miguel Baptista da Silva Cruz, G. M., Um corneta, A. M. Guedes (Vizen), Edipo, Vasco (Coimbra), H. Grichard, Sebastião Correia dos Santos (Alemquer).

Problema sem titulo. — Manoel Antonio Coelho Zilhão, B. Lem (Porto), Alexandre de Oliveira, José dos Santos da Cruz (Castello Branco), Antonio G. de Oliveira Santos, Ociosos de caçadores 4, Francisco Augusto Nunes Ponsão (Odemira), Caporal, G. M., Um corneta, João Manoel Rodrigues de Passos (S. Braz), A. M. Guedes (Vizen), Um prior (Elvas), Julião Duarte Martins, H. Grichard, Sebastião Correia dos Santos (Alemquer).

Embrulhada geographico-grammatical. — Francisco Augusto Nunes Ponsão (Odemira), G. M., Um corneta, Um prior (Elvas), Edipo.

Pergunta indiscreta. — Um prior (Elvas), Edipo, Luiz Antonio dos Santos Guimarães.

Erratas. — Saio errada a solução das palavras quadradas. É a seguinte:

J U R O
U S A R
R A R A
O R A R

Tambem saio completamente transtornado o enigma do sr. Alexandre de Oliveira, por isso o repetimos.

Enigma

Sou de pedra e não pequena,
Não tenho pés nem cabeça;
Mas tres pernas só d'um lado
Sem contudo, ser tripeça.

Tirando-me uma, porém,
Talvez que deixo de ver,
E mudando então de genero
Não posso de pedra ser.

O DOMINGO HISTORICO

18 de setembro de 1837 — Combate dos Ruivães

Terminada a guerra civil entre os exercitos de D. Pedro e D. Miguel pela convenção d'Evora Monte não acabaram no nosso paiz as lutas fratricidas e as

dissidencias entre os liberaes, de que tinham apparecido os primeiros symptomas ainda no tempo da emigração, aggravaram-se mais e mais até que em 18.6 rebentou a chamada revolução de setembro.

Accentuaram-se então bem as idéas dos dois partidos porque entendendo uns que a Carta constitucional continha todos as liberdades necessarias ao progresso da nação e á segurança dos individuos, não concordavam outros com esse parecer e queriam uma constituição mais larga.

Foi este ultimo partido o vencedor em 1836 e por isso se ficou chamando setembrista em quanto o outro adoptou como era natural a denominação de cartista.

Victorioso em Lisboa o movimento setembrista, jurou-se a constituição de 1822 com as alterações que um futuro congresso lhe introduzisse, mas os animos não se serenaram e logo em novembro seguinte houve a tentativa de contra revolução, que não chegou a vingar; a 12 de julho de 1837 o barão de Leiria revoltava um batalhão de caçadores aquartelado na villa de Barca, na provincia do Minho, e ao mesmo tempo appareciam em outros pontos do reino varias sublevações militares.

Os marechaes Saldanha e Terceira, que não tinham jurado a nova constituição pozeram-se á frente da revolta que por este motivo ficou sendo conhecida pelo nome de revolta dos marechaes. O primeiro dirigiu-se a Castello Branco, e dando ali uma certa organização ás suas forças marchou para Torres Vedras onde se lhe reuniu o duque da Terceira e illudido com os seus movimentos o conde de Bomfim, encarregado de os perseguir, chegaram as forças cartistas até ás portas da capital.

Vendo que n'esta cidade não rebentava, como esperavam, a revolta a favor da carta decidiram os marechaes retrogradar para o norte na esperanza de que o visconde das Antas, que recolhia de Hespanha com a divisão auxiliar seguisse o seu partido.

Depois da acção de Chão de Feira (28 de agosto) e de uma conferencia entre os chefes das duas forças contrarias, as quaes não deram resultado algum, encaminharam-se os marechaes por Thomar para Castello Branco, e depois para o Douro e passaram no Pocinho no dia 18 de setembro.

Entretanto o visconde das Antas apesar de ter sido abandonado por uma das suas brigadas, que perto da fronteira acclamou a Carta, entrou com o resto das suas forças na cidade do Porto a 13 de setembro e marchou logo contra o barão de Leiria a fim de o encontrar antes da chegada dos marechaes.

Tinham estes prevenido o barão de que não estavam longe e que para empenhar a acção com os setembristas esperasse que se reunissem todas as forças insurreccionadas, mas o chefe cartista não cumpriu essas ordens e formando as suas tropas no dia 18, a pequena distancia da villa de Ruivães travou o combate e foi inteiramente destróado.

Esta derrota foi um golpe mortal para a revolta e logo na noite de 19 para 20 os marechaes enviaram ao chefe das tropas do governo um parlamentar para lhe propor que findassem as hostilidades, e ajustou-se a chamada convenção de Chaves, pela qual as tropas insurgentes depuseram as armas e os principaes chefes foram obrigados a sair do reino.

O partido cartista vencido em 1836 e 1837 continuou sempre a trabalhar para o restabelecimento da carta e ao cabo de alguns annos de esforços e delicias viu o seu pensamento realizado porque effectivamente em 1842, a Carta constitucional voltou a ser o codigo fundamental da nossa monarchia.

A. O.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tisset e Constant Améro

(Continuado de pag. 239)

XVI

Afinal, não podendo conter-se, dirigia-se aos sacos para os acordar. Já um d'elles — Alardião — refrescoado por um primeiro somno, abriu os olhos, e sacudiu o companheiro, a quem fallava em voz baixa.

Levantou-se, e Yermac julgou ser escutado.

Nicolau fez-lhe um signal mysterioso, caminhando furtivamente para a entrada da yurte. Era um convite para segui-lo, ao que Yermac accedeu, apesar do frio terrível que fazia.

— Em que narta está guardado o vodki? perguntou-lhe o Nicolau. Queremos beber uma pinga em quanto elles dormem.

— Oh! desgraçados! Olhem que já beberam excessivamente! exclamou o chefe de policia. Tomem conta no que vão fazer! Estão cavando a sua desgraça!

— Principias! Vae-te embora. Nós encontraremos o vodki sem o teu auxilio, disse Nicolau encolhendo os hombros.

O outro cossaco dava busca em uma das nartas. Foi tão feliz, que achou logo a appetecida garrafa: uma garrafa de respeitavel tamanho. Deitou-lhe a mão dando um gesto de contentamento.

Passou a entrar na yurte com o camarada; Yermac seguia-os, já com pouca esperanza de se fazer escutar. Todavia, ainda tentou uma vez.

— Em primeiro lugar, disse elle, commetteram um roubo!

— Não falles tão alto! exclamou Ardalião; podes acordal-os.

— Mas deixemos o roubo! tornou Yermac. Se derem credito ás minhas palavras, não bebem mais e não se collocam em circumstancias de não poderem cumprir a sua obrigação, o seu dever.

— Então, não quer outra vez explicar-nos o catholicismo? observou Nicolau.

E abrindo cuidadosamente a garrafa, levou-a aos beiços e bebeu com soffreguidão uns poucos de goles.

— Agora eu! disse o camarada tirando-lhe a garrafa sem cerimonia.

— Não bebas tudo! exclamou Nicolau, vendo que Ardalião bebia sem tomar folego.

— Tomá lá! faço-te presente do resto, respondeu este dando um profundo suspiro.

E, cambaleando, dirigiu-se para o lugar, em que, momentos antes, estivera deitado.

Yermac quiz lançar a mão á garrafa, que o outro cossaco ia sem duvida alguma, despejar.

— Queres beber? resmungou este, offerecendo-lh'a.

— Não, não quero beber, animal! disse Yermac; quero arrancar-te ao abismo, em que te precipitas. — porque tudo isto ha de ser-te muito fatal.

— Pois não queres beber, deixa-me sosegado! tornou Nicolau.

Sentou-se no chão, collocou a garrafa entre os joelhos, e estendeu a mão para tirar de sobre a grande pedra um copo de madeira. Tirou-o, encheu-o, e foi bebendo a pouco e pouco, olhando para Yermac com ar de desconfiança, mas com olhos desvairados.

Yegor e o sr. Lafleur observavam esta scena sem tugar nem mugir, mas com um interesse facil de ser

comprehendido. Quando voltava Yermac deu com elles.

— Então? disse elle a Yegor, conseguiram já o seu fim?

— Ainda não, respondeu Semenoff.

N'esse momento, o cossaco deixando cabir a cabeça, estendeu-se ao comprido na yurte. Elle e o companheiro estavam como mortos.

Yegor foi acordar os dois yakutes e deu-lhes ordem que preparassem as nartas para partirem.

— É para já, meu amo! disse Tekel.

Instantes depois, o ladrar dos cães annunciava que iam ser executadas as ordens de Yegor. O deportado e o sr. Lafleur tiveram uma rapida conferencia, cujo resultado foi que era preciso levar com elles o chefe da policia. Deixal-o ficar parecia mais arriscado.

Yermac, percebendo que se fallava de si, perguntou simplesmente:

— Que pretende fazer de mim, sr. Semenoff? Posso tratá-lo agora pelo seu nome...

— Deve suppor, replicou Yegor, que não desejamos abandonar-o aqui... ainda mal curado da sua ferida.

— Mas abandonam estes soldados?

— Esses tem cavallos... e o sr. Yermac? Em uma palavra, a sua companhia e-nos muito agradável, e não poderíamos consolar-nos se a perdessemos.

— Compreendo, disse Yermac, profundamente arrependido de se ter deixado lograr. É força que eu obedeça, accrescentou elle. Mas cautella: um momento virá, em que eu me persuada de que estou quite para com os senhores.

— Quite! accidiu Lafleur. E o urso, desgraçado! Já se esqueceu do urso? Onde estaria o amigo a estas horas, perguntou eu; onde estaria? O sr. Yermac pertence-nos desde a ponta dos pés até a raiz dos cabellos —, tudo o que o urso teria comido se não fossemos nós.

— Venha meu amigo, venha, e não faça observações.

XVII

A margem direita do Kolima é quasi toda talhada a pique; em alguns logares até, penduram-se na corrente rochas de schisto com veios de uma argila encarnada. Mas no ponto, em que o Omolona se lança no Kolima, a margem direita torna-se repentinamente plana.

É occupada pelo estabelecimento de Zalivina, em que vivem na melhor harmonia yakutes e yukaguires com russos e cossacos (descendentes de condemnados a degredo, ou cossacos do ostrog dre Anadirsk, repellidos pelos tehuktchas).

Sobre o Kolima corriam nevociros vinados do mar Polar, que, n'aquella occasião, solidificava-se sob a acção do frio. Esses nevociros tinham abrandado um pouco a temperatura, quando principiou a soprar o «vento quente» trazendo consigo mais de trinta graus de calor.

Penetremos n'uma d'essas cabanas (construidas com madeiras, que depõem sobre as margens as inundações periodicas da primavera. As paredes são de vigas sobrepostas, cujos espaços são cheios de musgo e de uma terra argilosa. A cabana é circumdada por uma escarpa ou talude de terra, para protegê-la contra o frio. O tecto é coberto de terra.

O interior é dividido por alguns tabiques baixos em varios compartimentos pequenos.

No compartimento principal, illuminado pela claridade frua de uma pequena lampada, um lado é occupado pelo «tchuvale» especie de chaminé yakute,

formada de ramos de salgueiro rebocados dentro e fora com terra argilosa: um tubo que atravessa o tecto, dá passagem ao fumo. Da chaminé sae uma chamma crepitante, espalhando sobre o tecto um fumo espesso e projectando faiscas abundantissimas.

Este compartimento é ao mesmo tempo cosinha e sala commum. Toda a familia trabalha e come n'elle. Duas aberturas de um pé quadrado feitas para o sul (fechadas no verão por uma pelle transparente de peixe) estão, agora no outono, obstruidas por um pedaço de gelo de cinco a seis pollegadas de espessura, deixando penetrar ás vezes no interior um tenuissimo feixe de luz.

Jaz ahí, no meio de duas mulheres indigenas, bastante avançadas em annos, uma rapariga doente, estendida sobre um dos bancos largos encostados ao tabique para servirem de leitos.

Essas yakutes de cabello escuro, vestem uma camisa de pelle de renna, com o pello para dentro, e cujo couro é tinto de encarnado com casca de amieiro.

E como a garridice nunca deixa de ser condão inseparavel da mulher, essas camisas de renna são guarnecidas nas mangas por finas correias de pelle de castor ou de lontra.

Trazem tambem as mulheres, a que nos vamos referindo, calças de pelle de renna, e vestem por cima de tudo uma especie de tunica — ou «ramley» — feita igualmente de pelle de renna não cortada, a que o fumo tem dado uma cor amarelada.

N'uma panella posta ao fogo está-se cosendo peixe para os cães.

Sobre uma meza acham-se dispostos alimentos escolhidos — como para uma festa: uma soberba peça de carne de renna; linguas de renna fumadas, peixe gelado — «straganina»; — «yukula» de tehir (tehir é um peixe muito gordo e apreciado, cuja carne se conserva secca, pisando-a com um pouco de gordura). Ha tambem uma especie de tortas guarnecidas de caviar, pastellinhos feitos de farinha de «makarcha» (raiz furtada ás provisões dos ratos do campo) e recheados com um picado de entranhas de peixe. N'uma caixa está cuidadosamente guardada uma grande porção de chá!

Achamo-nos em casa de Metek um dos personagens indigenas mais importantes, eleito em antigos tempos, «uluse» ou chefe supremo da sua tribo, mas tendo perdido hoje grande parte da sua auctoridade.

Metek não tinha ainda voltado com os seus trens carregados dos despojos da caça de verão, que tem logar principalmente durante o longo periodo, em que o sol se mostra cincoenta e dois dias acima do horizonte sem nunca desaparecer, (desde 15 de maio até 6 de julho), mas a uma altura tão pequena, que illumina sem aquecer, e que o seu disco elliptico é tão pouco brilhante, que pode ser fitado sem o minimo incommodo para os olhos.

O antigo uluse não tem rival em perseguir as rennas nos grandes lagos, e em matal-as na agua, em que ellas julgam poder refugiar-se. Na ultima estação matou elle cem. Devia achar-se de volta por occasião da passagem dos arenques. Cardumes d'estes peixes subiram o Kolima, e os habitantes das margens pescaram mais de mil em cada lança de rede; apesar d'isso Metek não estava ainda no meio dos seus.

A rapariga doente tinha posto, por cima de outras roupas mais simples e mais quentes, um mantelete de algodão, com desenhos de variadas cores, com uma gola de pelle de maria. As tranças negras e compridas são presas sobre a testa por um laço.

(Continúa)

CORRESPONDENCIA

Ociosos de caçadores 4.—Sim senhores, o enigma tem um aspecto seductor, e a solução lá vinha ao pé; mas como é que se chega á tal solução? Isso é que era bom que viesse explicadinho para podermos dar as convenientes satisfações aos Pierrots, e aos Mascaras vermelhas, que são gente levadinha da bréca, que quer tudo para allí muito claro e muito direito.

Empusa.—Primeiro que tudo uma explicação. Quem lhe deu o cognome de massador não fomos nós, foram os typographos. Nós escrevemos o seguinte: Seja *innovador*, mas *innovador sensato*. Estavam em hora infeliz os nossos compositores quando trataram do numero passado, ou antes succedeu o que succede quasi sempre quando o author não revê as provas. Como é possível que também as d'esta correspondencia não reveja quem a está escrevendo, veremos o que são d'aqui.

Dada esta explicação só duas palavras agora. Gostá-

tapa o nariz para não sentir o cheiro da febre que não é agradável. Singular effeito dos *aromas* e da *luz*! Apenas falla em *aromas* sente um cheiro desagradavel, apenas falla em *luz*, vê as trévas immediatamente!

Está bom! Não se zangue! Mas confesse aqui á paridade: Teimoso como Empusa não se encontra outro de certo em qualquer dos dois hemispheros.

Emfim não havemos de estar eternamente a discutir o celebrado verso. A discussão deu em resultado provar-nos que é teimoso, mas que tem talento, e teremos immenso gosto em lhe publicar outra qualquer poesia. Esta não, porque realmente o publico desatava a rir se visse apparecer afinal os versos tão discutidos.

Marcello.—Não lhe respondemos, porque realmente a sua ultima carta em nada adiantava a questão, mas já que insiste, dir-lhe-hemos rapidamente duas palavras.

Se quando fallou de Balzac se referia a antigos tempos, porque o associou a Zola que é nosso contemporaneo? O erro consiste em não ver que Balzac é uma das expressões mais notaveis do grande movimento litterario de 1830. A sua *Comédia humana* é uma das

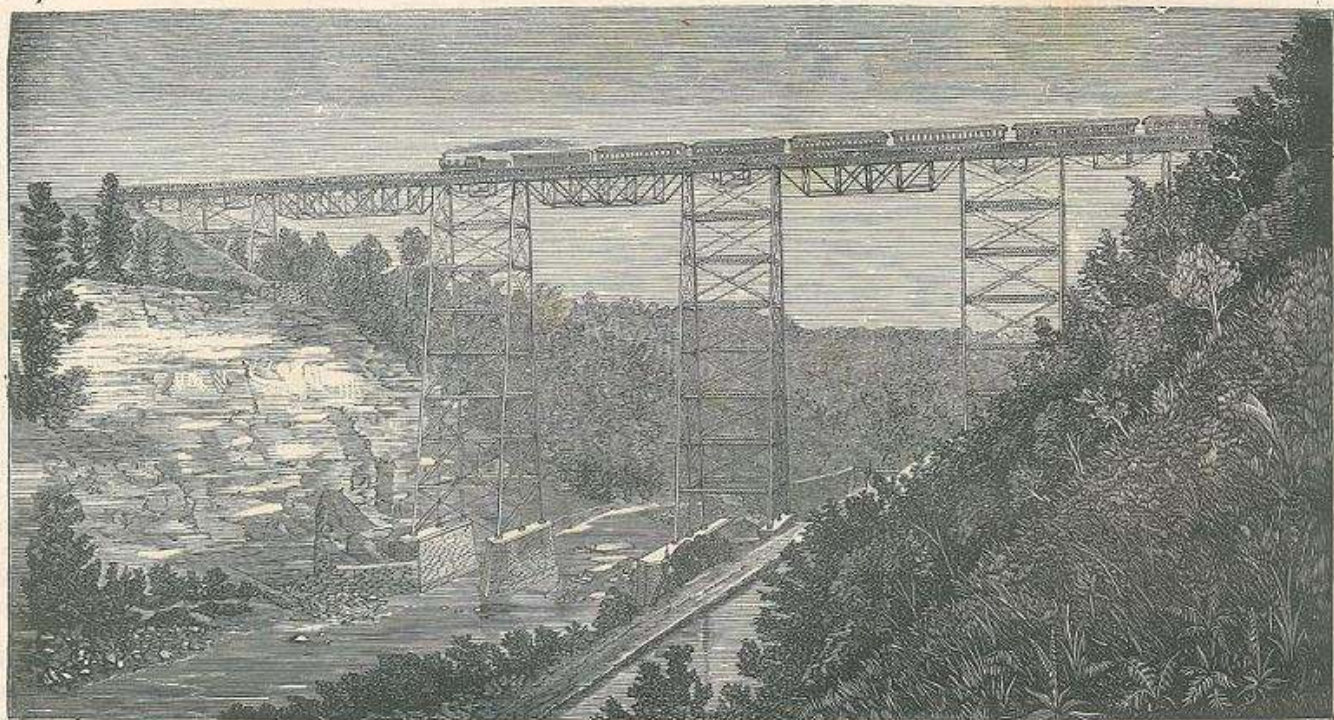
Com relação ao quadro realista que lhe propunhamos, declarava-nos que copiára o que vira. Ora adeus! Pois não podia também ver o que nós dizíamos? E quando vir, copia?

Isso é o que se quer saber. O seu subterfugio é absurdo.

Foi simplesmente por um dever de cortezia que demos ainda esta resposta.

R. R.—As pessoas que nos fazem a honra de nos enviar problemas e adivinhações imaginam sempre que ninguém mais teve essa lembrança. Acontece porém que recebemos todas as semanas duzias de cartas, e que traz cada uma d'ellas peio menos meia duzia de problemas. Como havemos de satisfazer todos? Impossível! Vemo-nos obrigados não só a fazer uma escolha muito rigorosa, mas também a proceder de modo que fiquem todos contemplados. Não deve ter pois razão de queixa o nosso correspondente. Já vio que foi contemplado no rateio. Receber todas as acções que pedia era completamente impossível.

Caporal.—Sim senhor. Inserimos na lista das *soluções* certas o nome d'aquelles que satisfizeram ás con-



UM VIADUCTO SOBRE O GENESEE, NOS ESTADOS UNIDOS.

mos de ler a sua carta; cada vez nos convencemos mais de que Empusa é um moço de verdadeiro talento. Defende o seu paradoxo com subtilidade e intrepidez, também gosta em prosa de diluir em muitas palavras o seu pensamento, mas são exuberancias da juventude que depois facilmente se corrigem. Apesar de tudo, olhe que não ha meio de salvar o verso. Veja a que pontos chega. Transcrevemos textualmente:

«Substitui o cheiro da febre (que não é agradável) pelos aromas das flores arrastados pela brisa á hora do crepusculo, amalgamei-os com os effluvios exhalados pela terra, e chamei á *luz aromas febris da luz crepuscular*, nos quaes me parece que, ao mesmo tempo que vejo as trévas invadirem a terra, aspiro uns aromas que vêm de envolta com os effluvios tepidos, trementes, febris exhalados pelo solo».

Queira perdoar, mas é a combinação chymica mais extravagante de que ha muito tempo temos conhecimento. A febre é do solo, os aromas são das flores, a brisa é que carrega com elles, com os effluvios do solo, e com o perfume das violetas, e a luz crepuscular que vai muito pacificamente desmaiando é que se torna a editora responsavel d'esta mixórdia, e a consignataria d'esta carregação! E acha o seu verso por tal forma expressivo que apenas falla nos «aromas febris da luz crepuscular», vê logo diante de si as trévas, e

grandes concepções da litteratura romantica. Os senhores não ligam o progresso litterario com o progresso politico e social, não vêem que o romantismo foi no mundo litterario o que a revolução foi no mundo social e politico, confundem romantico e romanesco, e imaginam que o romantismo é o *Jardim litterario* quando não supõem que é a Arcadia, e fazem uma critica litteraria debaixo de um ponto de vista por tal forma pueril que realmente não vale a pena perder tempo a discutir semelhantes apreciações. Já uma vez um escriptor nosso contemporaneo deu pulos de indignação quando dissemos que Goethe, o poeta do *Fausto* e do *Werther* fora um dos fundadores do romantismo. Um poeta desdenhoso crivava de motejos o romantismo, e os seus pastores de surrão de velludo que cantavam endeiças a Marília. Em presença d'esta ignorancia dos elementos mais rudimentares da historia litteraria vale a pena discutir? não nos parece. Marcello ficou também muito supprehendido quando lhe mostrámos que Victor Hugo fora o chefe do lyrismo romantico. Parece que imaginava que o lyrismo romantico se cifrava nos versos dos *Dois Mundos*:

Sentes alem no retumbar da serra

Pois olhe que as escolas discutem-se, discutindo os mestres e não os discipulos imbecis. Em todas as escolas ha poetas chatos, e romancistas ineptos.

dicções dos problemas apresentados, embora não sejam as suas soluções as que tiveram em mira os auctores dos problemas. Se o seu nome não veio, devendo vir foi de certo lapso involuntario, ou nosso ou da imprensa, ou do correio também, que está sendo cumplice terrivel d'estas trapalhadas todas.

A. A. O.—O seu enigma saio todo errado, por isso o repetimos n'este numero. No domingo passado andavam todos com a cabeça a razão dos juros. Querem ver que foi o diabo das eleições?

EXPEDIENTE

Aos nossos estimaveis assignantes e muito zelosos correspondentes pedimos desculpa da demora da expedição d'este numero, devida, unica e exclusivamente, á casa editora estrangeira que não enviou a tempo o papel necessario para a impressão do referido numero.

O numero 32 será publicado na terça feira proxima, 27 do corrente.

Estão dadas as providencias precisas para que o facto, que se deu, se não repita.

O GERENTE

77P. E LIT. PORTUGUEZA—39, CALÇADA DO TIJOLO, 39 (à rua Formosa)